

JORNAL DA CUT

Setembro de 2009

Boletim Informativo da Central Única de Trabalhadores do Distrito Federal

ESPECIAL SINDICATO DOS BANCÁRIOS, SINDISERVIÇOS, SINBOCIVIL-DF, SINDVALORES, SINDICATO DOS VIGILANTES, SINDICATO NACIONAL DOS AEROPORTUÁRIOS, SITTEL-DF, SINDPD-DF

A unidade dos trabalhadores construída na luta

Há três coisas em comum entre bancários, vigilantes, vigilantes de transporte de valores, bombeiros civis e prestadores de serviços (sejam telefonistas, processadores de dados ou da área de limpeza): mesmos patrões diretos ou indiretos, mesmas áreas e condições de trabalho e lutas em comum. Conscientes dessa situação, a cada dia que passa, esses trabalhadores unificam mais suas lutas para conquistar condições justas de trabalho e salário, no enfrentamento dos patrões que atuam unidos, de forma orquestrada.

Quem não se lembra, em abril, do apoio dado por várias categorias à greve dos trabalhadores ligados ao SINDSERVIÇOS, que reúne os trabalhadores da área de asseio, conservação e limpeza? “Na nossa campanha salarial muitos se juntaram a nós. Os Sindicatos filiados à CUT e o Sindicato dos Bancários deram muita sustentação para percorrermos as cidades do DF. Não é só um ditado popular, e sim uma realidade, que a união faz a força. Conseguimos êxito por meio disso”, relata Maria Isabel Caetano, presidenta do SINDISERVIÇOS.

No mês seguinte, em maio, o vitorioso movimento grevista dos vigilantes contou com a participa-

ção, na prática e de forma decisiva, dos bancários. Estes foram à porta dos bancos denunciar os banqueiros que, descumprindo a lei, teimavam em abrir as agências sem vigilantes, colocando em risco funcionários, clientes e usuários. “Os vigilantes e os bancários já sabem o que podem esperar uns dos outros. Somos parceiros de lutas. Nossa união foi construída nos piquetes em portas de bancos. Assim, quebramos a intransigência dos empresários em vigilância”, afirma Rodrigo Brito, presidente do Sindicato dos Bancários.

Desde final de julho, viamos dirigentes dos vigilantes de transporte de valores, que estavam em campanha salarial, e dos bancários, lado a lado, nas negociações com os empresários do setor de transporte. Era uma colaboração necessária porque havia um representante da Federação Nacional dos Bancos (Fenaban) negociando pelas empresas transportadoras (ver pág. 4).

A Campanha Nacional dos Bancários 2009 também já está nas ruas, desde agosto, com o slogan: *Os Bancos Abusam - Cadê a responsabilidade social?* que resume o tratamento dado pelos patrões aos funcionários diretos ou terceirizados e à população, com filas intermináveis, tarifas e juros altos, demissões, metas inal-

cançáveis e sobrecarga de trabalho.

Essa unidade extrapola o setor financeiro. Vários destes dirigentes sindicais estavam juntos no primeiro semestre, na mesma mesa de negociação, articulados pela CUT-DF, representando e unificando os trabalhadores do Aeroporto Internacional de Brasília, nas negociações com a Infraero.

Unificação de data-base

Se depender desses dirigentes, foi-se a época em que os bancos utilizavam os terceirizados para enfraquecer a greve dos seus funcionários. “Somos solidários a estas categorias que são tão importantes para os bancários. Dependemos uns dos outros para o trabalho. Os vigilantes, por exemplo, fazem a defesa da vida dos demais trabalhadores nos bancos. Os patrões agem unidos. Nós, trabalhadores, também devemos atuar unidos para enfrentá-los por nossos direitos”, afirma Rodrigo Brito.

Por tudo isso, os sindicatos dos vigilantes, bombeiros, bancários e vigilantes de transporte de valores caminham no sentido de unificar a data-base de suas campanhas para defender as reivindicações comuns

às categorias. “Acho da maior importância a unificação das lutas. São categorias distintas, mas que têm os mesmos problemas, os mesmos patrões, que são os bancos, embora sejamos intermediados por empresas. O desejo de todos nós, do transporte de valores, é o de construir uma data base única nacional para fortalecer a luta e avançar nas reivindicações comuns”, destaca Carlos José das Neves, presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Transporte de Valores do DF (Sindvalores-DF).

“Convivemos diariamente e temos empregadores em comum, seja por contrato direto ou indireto, no caso dos terceirizados, e, por isso, devemos juntar nossas reivindicações para criar uma pauta única”, completa Jervalino Rodrigues, presidente do Sindicato dos Vigilantes.

Por trás desse movimento há um princípio de unidade e solidariedade classista defendida pela CUT. O vice-presidente do Sindicato dos Vigilantes do DF, Vicente Lourenço explica: “Nas atividades sempre colocamos a CUT como central que nos une, bem como a sua importância histórica no movimento sindical. E não poderia ser diferente, pois estamos falando da maior central sindical da América Latina e a que mais se identifica com os anseios do povo”.



REJANE PITANGA

Unidade para vencer

A história de conquistas dos trabalhadores e trabalhadoras do Brasil se deve à disposição de luta e à capacidade de unidade das diversas categorias. Unidos, garantimos a política permanente de reajuste do salário mínimo, o aumento da tabela de redução do imposto de renda e estamos avançando na luta pela aprovação das Convenções 151 (direito de sindicalização no serviço público) e 158 (contra demissão imotivada) da OIT e pela redução da jornada de trabalho de 44 horas para 40 horas semanais, sem alteração de salários, que pode gerar 2,2 milhões de empregos.

Neste cenário de pós-crise financeira, os grandes empresários e os governos estaduais e municipais oportunistas reforçam a política de arrocho salarial e flexibilização de direitos. A tática capitalista põe em risco o avanço das conquistas dos trabalhadores e tenta fragilizar o movimento sindical brasileiro.

Por isso, neste momento, é imprescindível a unidade da classe trabalhadora como instrumento de luta e organização. A ação de bancários, vigilantes, vigilantes de transporte de valores e outros prestadores de serviços terceirizados traz unidade e representa exemplo de como podemos potencializar nossas reivindicações e garantir a construção de um Brasil mais justo e igualitário para todos e todas.

Rejane Pitanga,
presidenta da CUT-DF

Campanha Nacional dos Bancários chega ao momento decisivo

Os bancos abusam - esse é o mote que resume a exploração dos funcionários e da população que a Campanha Nacional 2009 dos Bancários levou às ruas. Cadê a responsabilidade social? É o que a categoria cobra, contrapondo-se à falsa imagem que os bancos vendem em suas campanhas publicitárias na mídia. "Os bancos fazem propagandas de uma realidade que seria ótima para bancários, clientes e usuários. Isso não é verdadeiro. Os bancos tiveram lucros astronômicos, mesmo durante a crise que já passou, com demissões, sobrecarga dos funcionários, rotatividade de empregados para diminuir salários, metas abusivas e assédio moral, assim como com tarifas e juros absurdos e abusivos, insegurança e mal atendimento por falta de funcionários", ressalta Rodrigo Britto, presidente do Sindicato.

Os altos lucros dos bancos são inquestionáveis. No primeiro semestre de 2009, enquanto o setor financeiro falava de uma suposta dificuldade financeira nas mesas de negociação, os cinco principais bancos tiveram um lucro líquido de R\$ 15,427 bilhões, de acordo com o levantamento feito pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). Mesmo assim, os bancos demitiram 2.224 pessoas no pri-



meiro semestre de 2009, de acordo com os dados do Dieese e da Confederação Nacional dos Trabalhadores no Ramo Financeiro (ContraF-CUT).

Com base nesses dados e na falta de valorização dos funcionários, o Sindicato dos Bancários de Brasília, ao lado dos demais sindicatos da categoria no país reunidos pela ContraF-CUT, luta por aumento real, pela implantação de Plano de Cargos e Salários justo e de previdência complementar para todos, por melhoria na Participação de Lucros e Resultados (PLR) e por mais contratações, entre outras reivindicações.

A Campanha Nacional dos Bancários 2009 chega a um momento decisivo. Após quatro reuniões de negociações, os banqueiros nada ofereceram até o momento. Já deixaram

bem claro que não vão contratar mais bancários nem dar garantia aos empregos atuais. "Na segunda rodada de negociação com a Fenaban, os bancos vieram com a desculpa mentirosa de que não têm dinheiro. Já avisamos que vamos continuar a mobilização e parar se for preciso", afirma Rodrigo Britto, presidente do Sindicato, fazendo alusão a uma possível greve.

Na Campanha Nacional, o comando dos bancários e as comissões de empresa negociam, concomitantemente, com os bancos, pautas de reivindicações específicas. As conversações com os bancos públicos (Banco do Brasil, Caixa e BRB), que concentram mais de 85% da categoria no DF, pouco avançaram também. No BRB, a primeira reunião de negociação sequer foi marcada ainda.

Vigilantes de transporte de valores garantem aumento e lutam contra o "malote da demissão"

A difícil Campanha Salarial do Sindicato dos Empregados no Transporte de Valores do DF (SindValores-DF) terminou, após longo período de pressão dos trabalhadores, com reajuste de 6% nos salários e de 45% no tiquete alimentação. As propostas foram aprovadas em assembleia no último 6 de setembro. Agora, a luta é contra o "malote do desemprego e da morte".

Os vigilantes de transporte de valores estavam em campanha há algum tempo. Durante as negociações de agosto, as propostas de reajuste foram primeiro de 4% e, depois, de 4,57%, o que correspondia apenas à reposição da inflação anual. No dia 31, no entanto, as empresas ofereceram reajuste de 5,5%, representando um aumento real pouco inferior a 1%. Além disso, ofereceram aumento do tiquete para R\$ 12,50, com uma elevação de 25%.

A direção do Sindicato considerou a proposta insuficiente e ameaça-



va declarar estado de greve, levando os patrões a apresentarem o índice de 6% de reajuste que foi aprovado.

Há agora outra batalha a travar contra medidas que desvalorizam dos empregados. O Banco Central e o Departamento de Polícia Federal (DPF) querem a utilização do malote com jato de tinta. O projeto está no estatuto de segurança privada da DPF, que já foi recebido pelo ministro da Justiça, Tarso Genro, mas ainda não foi enviado para apreciação

da Câmara dos Deputados.

Esse tipo de malote inutiliza o dinheiro e documentos em caso de assalto ao carro-forte. Tal medida tem sido acompanhada de menos investimentos em segurança, com redução de até 50% dos vigilantes de transporte de valores. Pior é que a precarização da segurança não garante a diminuição da violência e ocorrência de assaltos. Por isso, a medida já foi apelidada pelos vigilantes como o "malote do desemprego e da morte".

JACY AFONSO DE MELO

Em defesa da unidade dos trabalhadores

A trajetória de militância do atual secretário de Organização e Políticas Sindicais da CUT, Jacy Afonso, em defesa dos interesses dos trabalhadores se confunde com a própria história da maior e mais representativa central sindical do país. Com apenas 21 anos, Jacy participou da fundação da central, no início da década de 80, em São Bernardo do Campo. De lá para cá, não saiu mais da trincheira do movimento sindical. Fundou a CUT/DF, da qual foi dirigente entre os anos de 1991 a 1994, quando saiu para assumir o cargo de diretor executivo da central nacional, permanecendo ali por dois anos. Em 2003, tomou posse na Secretaria de Administração e Finanças da CUT, por dois mandatos. Também presidiu o Sindicato dos Bancários de Brasília de 2004 a 2007.

Recentemente empossado no Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES) da Presidência da República, Jacy Afonso, nesta entrevista exclusiva ao Jornal da CUT-DF especial, faz um breve balanço do período bem-sucedido em que esteve à frente da secretaria de Finanças da CUT, destaca os desafios para o próximo triênio da nova gestão da Central, argumenta de forma contundente em defesa da unidade dos trabalhadores e manda um recado: precisamos unificar a data-base de todos os trabalhadores do sistema financeiro. A seguir, trechos da entrevista.

JORNAL DA CUT Como foi que você chegou à Tesouraria da CUT?

Jacy Afonso de Melo – Eu fui convidado pelo então presidente Luiz Marinho a assumir a Tesouraria da CUT em 2003, depois de cinco anos de ditadura civil do governo do Fernando Henrique Cardoso, que tinha como principal adversário os sindicatos. Era um momento difícil, mas ao mesmo tempo desafiador, porque era o início do governo Lula, com uma relação democrática com os sindicatos. A minha tarefa na CUT foi a de sanar as dificuldades, trazer os sindicatos afastados para o dia a dia da CUT, diminuir a inadimplência, e ter uma visão nacional da central dos trabalhadores.

JORNAL DA CUT O que significava aquele início de 2003?

Jacy – Aquele início de 2003 significava uma ruptura com um processo marcado pelo neoliberalismo e fordismo, que levou muitos sindicatos a assumir funções do Estado, como administrar e gerir a qualificação profissional dos trabalhadores. Minha gestão vem para desativar essa terceirização e os instrumentos mobilizados para o trabalho de qualificação. Foi difícil cuidar dos assuntos financeiros. Em função da dificuldade que o movimento sindical passou antes. Muitos sindicatos deixaram de pagar a CUT. Tivemos um alto grau de inadimplência e alguns sindicatos estavam muitos anos afastados.

JORNAL DA CUT E isso significa falta de verba para o movimento.

Jacy – Significa. Agora, é importante dizer que a CUT permanece com o mesmo percentual de sindicatos, numa ordem de 3.400 sindicatos filiados.

JORNAL DA CUT Mesmo com esse processo de pulverização das centrais sindicais?

Jacy – Apesar desse processo de pulverização das centrais sindicais. Nós temos na CUT uma concepção de que as centrais sindicais são uma coisa e os partidos são outra. Cada um tem sua função. A cláusula pétrea do nosso sindicato é a liberdade sindical e a independência em relação aos patrões e aos governos, líderes partidários, credos religiosos e times de futebol. Havia toda uma crítica equivocada da parte de alguns de nossos companheiros de que a CUT era uma central governista por causa

do nosso apoio à eleição do Lula. Eu quero refutar esta tese: nem o Banco do Brasil nem a Caixa Econômica Federal, dois bancos públicos federais, fizeram greve durante os oito anos do governo Fernando Henrique Cardoso. No governo Lula, em todos os anos fizemos greve e tivemos aumento real de salário. Nós não temos nenhum problema; reconhecemos a importância do governo Lula, fizemos vários acordos com o governo.



Greve do Sindiserviços - abril de 2009



A unida

Greve dos Vigilantes - maio de 2009



Greve Sindiserviços - abril de 2009



Greve dos Vigilantes - maio de 2009



Paralisação do Sindiserviços e do Sindpd - abril de 2008



Greve dos Vigilantes - maio de 2009





de na luta em



JORNAL DA CUT Quais?

Jacy – Um dos mais importantes foi o da valorização do salário mínimo e da correção da tabela do imposto de renda. A CUT fez o maior acordo salarial do mundo. Foi também em 2004 que assumi a presidência do Sindicato dos Bancários de Brasília e nesse mesmo ano pegamos uma campanha salarial que teve a maior greve da categoria, que durou 30 dias. Conquistamos, nesse período, junto com a CUT e a Contraf, com todos os outros sindicatos, um acordo nacional, incluindo BB e Caixa. É verdade que, quando a gente conquistou isso, havia um sentimento legítimo dos companheiros do BB e da Caixa de que nós deveríamos fazer campanhas salariais separadas – para bancos privados e bancos públicos. É bom que a gente tenha esse contrato, senão, como ficam as conquistas dos trabalhadores dos bancos públicos? A gente tem que pensar estrategicamente. É esse o desafio do Rodrigo [Britto, atual presidente do Sindicato] e das novas lideranças do movimento sindical bancário.

JORNAL DA CUT De que forma isso pode ser feito?

Jacy – Houve duas greves importantes este ano em Brasília que não era dos bancários: a dos terceirizados da limpeza e a dos terceirizados vigilantes. Nós temos que mostrar para os bancários que os bancos utilizam os terceirizados para enfraquecer a nossa greve. Além de precarizar as relações de trabalho, de criar um subemprego, de criar duas categorias, de fazer com que a gente tenha que abdicar da nossa solidariedade de classe. Nós vimos o quanto é importante o trabalho dos companheiros da limpeza e dos outros serviços no banco. Sem eles, o banco não funcionaria. A greve dos vigilantes mostrou isso, porque trouxe mais prejuízo para os bancos do que a greve dos bancários. A greve só funciona se impuser ao empregador perdas financeiras ou dificuldades como um todo. E na era dos terminais eletrônicos, na era da internet, o banco mudou o centro de poder de fogo da greve. Nós, bancários, devemos repensar os efeitos da greve. E além disso, nós não temos um contrato coletivo para todo o mundo do sistema financeiro.

**JORNAL DA CUT** Como caminhar nessa direção?

Jacy – A primeira coisa que nós vamos fazer é unificar a data-base. Os bancários são a única categoria que tem uma data-base nacional e um contrato coletivo nacional articulado. Outros têm, mas são em nível de empresas. Isso está na concepção da CUT. É a nossa tarefa a ser feita. Já estou reunindo, na sede da CUT, em São Paulo, todas as categorias que têm data-base para o segundo semestre, para a gente ter uma organização comum, com uma diretriz comum.

JORNAL DA CUT Qual a meta da CUT para o próximo triênio?

Jacy – Filiar novos sindicatos à CUT. Um sindicato por dia. É claro que agora nesse período inicial não vai ter esse ritmo. Mas a nossa meta nesses próximos três anos é ter um sindicato por dia. A CUT vai ganhar os novos sindicatos e boa parte do movimento sindical que não tem filiação às centrais sindicais. Nós vamos fazer uma campanha de retorno à CUT, tem vários sindicatos que saíram da CUT por vários motivos, e em alguns casos, a filiação se dará com a própria fundação de sindicatos.

JORNAL DA CUT Você sempre teve uma visão da CUT suprapartidária, que indicava categorias sem influência política. É esse trabalho que você pretende desenvolver?

Jacy – Isso. Central Única dos Trabalhadores. Esse nome que está aí, não é porque é bôno. É uma vocação pela unidade. Partido só é parte. Central é central. O sindicato é uma frente única. A força do sindicato está no poder de convencer o trabalhador das suas reivindicações. O partido político está na sua ideologia, no seu programa. Não adianta fazer um discurso radical, ou vanguardista, se a categoria não pára pra ouvir.

Tem várias instituições nacionais de vários setores que perderam a credibilidade. Eu acho que a CUT tem que ter a capacidade de atacar e recuar, e muitas vezes isso tem que ser convencido nos trabalhadores, no local de trabalho. Acredito que a CUT tem que escutar os sindicatos, dialogar com as outras bases e formular uma proposição. Dialogar com a Contec, por exemplo. Qual é o problema? No meu entendimento, a CUT tem que superar essa dicotomia entre confederações orgânicas e confederações filiadas.

“

Nós temos que mostrar para os bancários que os bancos utilizam os terceirizados para enfraquecer a nossa greve. Além de precarizar as relações de trabalho, de criar subemprego

”

JORNAL DA CUT Quais os desafios da CUT para o próximo período?

Jacy – Os atuais desafios são enormes. A gente tem um aumento de pulverização do movimento sindical. Essa Central Única dos Trabalhadores é uma vocação de unidade, e o nosso papel, liderado pelo presidente Arthur Henrique, é buscar os sindicatos que eventualmente saíram da CUT. Hoje a CUT tem uma representatividade de 37% do movimento sindical brasileiro. É a maior central sindical do Brasil, tem os mais importantes sindicatos militantes. Também temos que fazer o debate do sistema financeiro, de discutir o artigo 192 da Constituição. Esses bancos são concessões, são autorizados pelo Banco Central, eles tem obrigação com a população e com o desenvolvimento do país.

JORNAL DA CUT Como você vê o papel da CUT nas eleições de 2010?

Jacy – Acho que esse é o momento de ter, do ponto de vista organizativo da CUT, rigidez nos nossos princípios, flexibilidade na tática e democracia sindical. Mas nós temos que discutir com o conjunto das entidades do Brasil. Enquanto sindicato, temos que discutir o papel do sindicato e o papel dos trabalhadores no processo eleitoral de 2010. Temos que ter trabalhadores representados.

Trabalhadores querem mapear ataques a bancos e propõem medidas de segurança



A violência no mundo bancário é uma realidade que expõe a riscos os bancários, clientes, usuários, funcionários terceirizados e principalmente, os vigilantes. Os assaltos, arrombamentos e golpes nos caixas eletrônicos estão presentes no cotidiano da categoria e da população. Por isso, o Sindicato dos Bancários de Brasília e as demais entidades ligadas à Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf-CUT) aplicarão questionários que vão construir uma Estatística Nacional de Ataque aos Bancos, discriminando os dados por estado. O mapeamento da violência vai ajudar em ações futuras de prevenção.

A Federação Nacional de Bancos (Fenaban) quer esconder os da-

dos de violência nos bancos. Há dois anos, ela conseguiu uma liminar na Justiça que impede a divulgação do número de assaltos. "A liminar proibiu a divulgação das informações, o que é muito conveniente para eles", ressalta Raimundo Dantas, diretor do Sindicato. "Como as ocorrências são escondidas, só temos conhecimento dos casos mais alarmantes como os assaltos e arrombamentos divulgados pela imprensa. Por isso, há dificuldade na contabilização de casos", acrescenta.

A Contraf-CUT e a Confederação Nacional dos Trabalhadores Vigilantes (CNTV) apresentaram considerações sobre a necessidade de um mapeamento da violência e questionaram o projeto de estatuto de segurança privada elaborado pela

Polícia Federal (PF) em duas reuniões (6 de agosto e 14 de julho), com o Ministério da Justiça. Foram entregues ao ministro Tarso Genro duas cartas: uma apontando pelo menos sete princípios que o estatuto não contempla (veja quadro) na iniciativa da PF e outra apresentando o projeto de lei de segurança privada elaborado pelos bancários e vigilantes.

Bancários e vigilantes defendem um projeto justo, que garanta proteção à vida em primeiro lugar, antes do patrimônio físico, assegurando a segurança dos trabalhadores e clientes.

Insegurança nos bancos

Na sua 82ª reunião, no mês de agosto, a Comissão Consultiva para Assuntos de Segurança Privada (CCASP), coordenada pela Polícia Federal (PF), em Brasília, multou vários bancos pela falta de segurança. A CCASP se reúne, em média, a cada dois meses para julgar os processos abertos pelas delegacias estaduais da PF. O campeão foi o Banco do Brasil, que recebeu multa de R\$ 317 mil, seguido pela Caixa Econômica Federal com R\$ 270 mil e Itaú Unibanco com R\$ 140 mil.

As irregularidades são recorrentes e principalmente de funcionamento sem plano de segurança devidamente aprovado pela PF e existência de alarmes inoperantes.

Propostas para o estatuto de segurança privada

- Integridade física em primeiro lugar, antes de proteger o patrimônio.
- Porta giratória com detector de metais obrigatória a ser instalada antes do espaço de autoatendimento.
- Vigilância patrimonial e o transporte de valores como serviços opcionais, impedindo os patrões de usar a lei de segurança privada para retaliar no caso de greve.
- Fim do uso de veículos parcialmente blindados e de carros pequenos ao invés do carro-forte.
- Dispensa da utilização, no interior dos malotes, do jato de tinta, que é acionado em caso de roubo para inutilizar o dinheiro. Em alguns países a criminalidade aumentou, mesmo com uso desse recurso que também vai gerar desemprego.
- Vidros blindados também nas fachadas internas e externas das agências.
- Contratação de empresas para guardar as chaves do cofre, desobrigando de fazer esse serviço os bancários que ainda levam as chaves para a casa.

Principais reivindicações para aumentar segurança

- Entrega e coleta de valores nas agências com horário específico e sem contato com o público.
- Abastecimento de caixa eletrônico feito em cassetes fechados para que a permanência do vigilante no hall das agências seja reduzida, diminuindo a exposição aos riscos.
- Portas giratórias obrigatórias antes da área de atendimento.
- Vidros frontais das agências blindados.
- Aumento de vigilantes no hall das agências próximos aos caixas eletrônicos para aumentar a segurança de todos.

Bombeiros civis cutistas lutam para ter sindicato independente e representativo

Os bombeiros civis lutam para manter sua entidade sindical criada em 23 de junho de 2009.

A questão é que há um impasse judicial com dois pedidos de carta sindical para a criação do Sindicato dos Bombeiros Civis do DF (Sinbocivil-DF). "Há um Sindicato formado e bancado por empresários e o nosso que tem o apoio da CUT, dos sindicatos filiados à central e dos do trabalhadores do setor. A vontade da categoria foi expressa na assembleia de criação Sindicato dos Bombeiros Civis do DF, que teve a chapa eleita também com o apoio do Sindicato dos Empregados em Empresas de Segurança e Vigilância do Distrito Federal (Sindesv-DF). O Sindicato nasceu já filiado à CUT", afirma Chico Bombeiro, presidente do Sinbocivil-DF.

Na década de 90, o Sindicato dos Vigilantes

abriu mão da base de trabalhadores de transporte de valores, que criou um sindicato próprio desse segmento. "O desmembramento foi em função de os empresários estarem se metendo na organização sindical e criando sindicatos com seus prepostos, com a má intenção de retirarem direitos e conquistas. O mesmo aconteceu com os bombeiros, que há alguns anos também faziam parte da categoria dos vigilantes", explica Chico Bombeiro.

Os sindicatos vinculados à CUT apóiam a fundação do Sindicato dos Bombeiros. "Temos uma grande briga na Justiça pela representatividade e contamos com esse valioso apoio dos sindicatos cutistas para sairmos vitoriosos nessa questão", diz Chico Bombeiro.

Vitória do Sinttel

A Procuradoria Regional do Trabalho reconheceu a remuneração de R\$ 630 para as telefonistas terceirizadas do BB em reunião, no último 9 de setembro. A Assemp que recentemente assumiu a empresa à qual as telefonistas estavam vinculadas, quer reduzir o salário e não pagou benefícios atrasados dos empregadas. As telefonistas, em protesto, pararam o trabalho por um dia. "A Procuradoria deu um prazo de cinco dias úteis, até dia 17, para que estas questões e outras irregularidades sejam resolvida pela empresa, mas o representante da Assemp ainda insiste em rebaixar os salários para R\$ 525. Se for necessária nova assembleia, provavelmente será decretada a greve", informa Lula Torres, tesoureiro do Sindicato das Telefonistas do DF (Sinttel-DF).

Vigilantes lutam pela aprovação do projeto do adicional de risco de morte

Depois de uma greve vitoriosa em maio, que contou com o importante apoio dos bancários, os vigilantes retomaram outra parte de sua luta: a aprovação dos projetos de lei que preveem adicional de risco de vida ou de periculosidade para a categoria.

A campanha já vem desde o ano passado, quando foi realizada a 1ª Marcha Nacional dos Vigilantes pela Vida, Emprego e de Luta e Cidadania, com o objetivo de pressionar os parlamentares a votarem a favor dos projetos. Em meados de agosto, seria realizada a 2ª Marcha, mas a manifestação, com caráter nacional, foi adiada porque o Congresso Nacional cancelou as audiências públicas por conta da gripe H1N1.

São dois projetos que tratam do mesmo tema, um da senadora Serys Slhessarenko (PT-MT) e outro do senador Paulo Paim (PT-RS). Se aprovados como estão, sem qualquer emenda, irão à sanção presidencial,



pois ambos têm caráter terminativo.

“Junto com companheiros e companheiras de vários estados, tendo à frente o presidente da Confederação Nacional dos Vigilantes (CNTV), tenho marcado várias audiências com os presidentes da Câmara e do Senado para falarmos da importância da aprovação dos projetos, pedir apoio aos mesmos e solicitar agilidade na sua tramitação”, diz Chico Vigilante, diretor do Sindicato dos Vigilantes e da Confederação Nacional dos Trabalhadores Vigilantes.

O resultado dessas visitas é positivo. No último dia 26 de agosto, a Comissão de Assuntos Sociais (CAS) aprovou o projeto de lei de autoria do senador Paulo Paim (PT-RS) que inclui entre as hipóteses que geram pagamento de adicional de periculo-

sidade as atividades profissionais que exponham o trabalhador a risco de morte, perigo iminente de acidente ou violência física. O projeto seguiu para a Câmara.

“Mas não podemos deixar a luta das ruas de fora, que é da maior importância para fortalecer o movimento em defesa do adicional”, disse Chico Vigilante, que espera contar com apoio de outras categorias na pressão para aprovação dos projetos.

A unidade dos trabalhadores tem se manifestado não só nas mesas de negociação e nas greves. Ela se dá também em outras frentes de batalha. “Destaco a importância de estarmos unidos nas votações da Comissão Consultiva de Assuntos Privados do Ministério da Justiça, onde a participação dos bancários, votando sempre com os vigilantes, tem possibilitado muitos avanços para construir melhores condições de trabalho para os vigilantes e mais segurança para os bancários”, afirma Carlos José das Neves, presidente do Sindvalores-DF.

A unidade dos trabalhadores contra a ingerência dos banqueiros

O representante do Banco Santander na Federação Nacional dos Bancos (Fenaban) era também o principal negociador das empresas de transportes de valores. Os patrões do setor apenas acompanhavam as negociações. Entravam mudos e saíam calados das reuniões. As conversações ficavam por conta do representante dos banqueiros.

“A interferência da Federação Nacional dos Bancos (Fenaban) na negociação do setor de transportes

de valores mostra efetivamente que a classe patronal está unida”, ressaltava Rodrigo Britto, presidente do Sindicato dos Bancários. “Portanto, era o momento das categorias trabalhadoras se unirem ainda mais para exigir condições de trabalho mais dignas e melhores salários. Por isso, mostramos que estávamos juntos nessa e para vencer”, acrescenta.

O negociador, para negar aumento real reivindicado pelos trabalhadores, alegou que os bancos



enfrentam dificuldades em função da crise financeira mundial no final de 2008 e início de 2009. Esse fato, impossibilitaria os bancos de aumentarem os valores pagos às empresas de transportes, que, por sua vez, estariam sem condições de dar o reajuste pedido pelos empregados.

A argumentação foi rebatida com apresentação de dados sobre os vultosos lucros dos bancos no primeiro semestre pelo presidente do Sindicato dos Bancários, que foi

às reuniões de negociação apoiar os dirigentes dos empregados em transportes de valores.

A aliança entre os patrões também causou interferências na greve do Sindiserviços, ocorrida em 2009. Os banqueiros ameaçavam afastar os terceirizados caso a greve permanecesse por mais tempo. “O apoio das outras categorias foi fundamental para obtermos êxito”, diz Maria Isabel Caetano, presidenta do Sindiserviços.

EXPEDIENTE

JORNAL DA CUT

Boletim Informativo da Central Única de Trabalhadores do Distrito Federal

CUT-DF - presidenta: Rejane Pitanga Sindicato dos Bancários - presidente: Rodrigo Britto Sindiserviços - presidenta: Maria Isabel Caetano SinboCivil-DF - presidente: Chico Bombeiro SindValores - presidente: Carlos Neves Sindicato dos Vigilantes - presidente: Jervalino Rodrigues Sindicato Nacional dos Aeroportuários - presidente: Francisco Barros Sinttel -DF - presidente: Brígido Ramos Sindpd-DF - presidente: Djalma Ferreira. Jornalista responsável: Robinson Sasaki Redação: Renato Alves, Thaís Rohrer e Thaís Margalho (SEEB-DF), Vanessa Galassi (CUT-DF) e Walkiria Simões (Sindesv e SindValores) Diagramação: Valdo Virgo Fotos: Agnaldo Azevedo, Valéria Carvalho e Félix Pereira Tiragem 20.000